Midiatização, mecanismos de participação e circulação discursiva: das cartas dos leitores aos comentários em fanpages

Viviane Borelli
Universidade Federal de Santa Maria

Palavras-chave: circulação; midiatização; comentários em fanpages.

RESUMO EXPANDIDO

Ao acessar sites ou perfis de jornais no Facebook observamos mudanças na paisagem discursiva midiática se compararmos ao que era produzido há algumas décadas. A emergência de outros enunciadores nos desafia a problematizar a prática jornalística a partir da ideia de que cada vez mais há distintos enunciadores e não mais a relação clássica: enunciador (jornal) e destinatário (leitor). É nessa conjuntura que notamos uma certa crise de performance no jornalismo, visto que os jornais têm de lidar com enunciadores que se atravessam nos quadros enunciativos tradicionais e geram outros sentidos que se sobrepõem, codeterminam e interferem sobre o que é dito e também sobre o modo como algo é dito.

Mesmo que os jornais ainda tentem controlar o processo produtivo – no modelo clássico de transmissão de informação de um emissor para um receptor, fazendo projeções de quem são seus públicos - os discursos acabam seguindo rumos não previstos: notícias são compartilhadas e comentadas por leitores nos sites de redes sociais numa ampla cadeia significante. Isso denota que o processo de enunciação não ocorre de forma linear, pois há ressignificações, conexões mais amplas e difusas, e que no universo dos sentidos não há causalidades (Verón, 2004, 2013).

Estamos diante de uma era de incertezas, em que os quadros de sentido - outrora construídos pelas mídias como uma moldura mais linear e causal aos seus enunciados - cada vez mais tomam forma por meio de processos de enunciação atravessados por injunções de distintos sujeitos. Nesse sentido, a mediação – função de ordem simbólica que dá base à emergência do campo dos *media* (RODRIGUES, 1999) - é questionada: leitores interrogam preceitos caros ao jornalismo – como o conceito de notícia e de objetividade; sugerem outros olhares sobre fatos que ocorrem na sociedade; questionam as modalidades de participação e o funcionamento dos espaços abertos a comentários; propõem novos modos de enunciação de notícias e outras construções discursivas sobre os temas publicados.

Emerge, de forma acelerada, nesse contexto, a circulação, onde há zonas de contato, de interpenetrações e enunciações de múltiplas ordens e provenientes de sistemas diferentes, como problematiza Fausto Neto (2009, 2012). Para o autor, o jornalista deixa de ser o "mestre principal da sua atividade discursiva, uma vez que seu ato se encontra no meio de uma rede de interdiscursos, de fluxos de meios e de produções de coenunciadores" (FAUSTO NETO, 2012, p. 62). Dessa forma, o papel clássico atribuído ao jornalista – o de mediador de discursos – é rediscutido e repensado nessa lógica discursiva que se desenha a partir da emergência de distintos enunciadores que entram em interação no processo de circulação.

Os jornais têm passado por mutações em suas práticas discursivas em função do desenvolvimento tecnológico e por pressões do mercado, em que as lógicas de marketing têm consequências do ponto de vista empresarial ou profissional. Nesse contexto, é preciso lembrar que há demandas para a abertura desses espaços para participação que podem ser mais estruturais e contextuais - em função do processo de midiatização da sociedade e do protagonismo dos sujeitos - ou mesmo de caráter mercadológico, visto que o fato de as mídias estarem abertas para receber a participação de seus públicos implica na garantia de proximidade convertida em cliques, engajamento e também em índices para anunciantes.

Entretanto, nessa processualidade, há, também, consequências do ponto de vista ético, pois não há garantias de que os conteúdos ali publicados representem mais qualidade: nem para as mídias que, muitas vezes, acabam por ter vinculados ao seu nome comentários de conteúdo questionável (preconceituosos ou desrespeitosos, por exemplo) ou que venham a agregar, por exemplo, informações que tenham implicações substanciais para o desenvolvimento da sociedade. O fato de as mídias possibilitarem a inclusão de enunciados à oferta discursiva proposta pelo seu dispositivo de enunciação (VERÓN, 2005, 2013) implica em acoplamentos e interpenetrações (LUHMANN, 2005, 2013).

A abertura de espaços para participação não é necessariamente uma novidade dentro da lógica de funcionamento do sistema midiático. As cartas dos leitores constituem uma seção importante do projeto editorial dos jornais e remetem à inserção de ideias e opiniões dos leitores na enunciação midiática. Se outrora, na era da preponderância do impresso, os espaços para participação eram limitados a pequenas colunas e linhas, hoje, na ambiência da internet podem ser alargados. É preciso lembrar que o acesso ao sistema midiático (LUHMANN, 2005, 2013) é regulado a partir de regramentos e lógicas

específicas, havendo normas explícitas que visam gerir a participação, criar regras e também sanções para aqueles que ali se enunciam.

Entretanto, há concepções editoriais distintas em relação à proposição de uma seção de cartas dos leitores e a abertura dos espaços para comentários a notícias, visto que essa modalidade de participação remete a outros objetivos que nem sempre vão ao encontro da ampliação de temas e discussão de questões que dizem respeito à vida coletiva. Como problematiza Esteves (2003, 2007, 2011), o espaço midiático pode se constituir num locus ímpar para a participação cidadã e o exercício da democracia. Entretanto, não há garantias de que isso ocorra já que os leitores inscrevem-se nesses ambientes com distintas intenções.

A partir desse contexto, o objetivo do artigo é refletir sobre o funcionamento e a constituição do espaço de comentários em perfis de jornais no Facebook como um locus de trocas de opiniões e ideias a partir de enunciações feitas tanto por jornais quanto por leitores a partir da emergência de uma zona discursiva singular, a da circulação no contexto de uma sociedade em vias de midiatização. Para dar conta de compreender essas questões que configuram-se numa problemática de circulação, são analisados fragmentos discursivos dos termos e condições de uso publicadas por jornais[6] em seus sites, bem como informações retiradas da aba "Sobre" dos perfis no FB para identificar como constroem discursivamente seus interlocutores e que regramentos impõem para a participação de outros enunciadores. Os periódicos[7] foram eleitos de forma intencional – pelo acesso que se teve aos dados – de modo que não foi possível ter o mesmo tipo de informações de todos os jornais.

De forma complementar, com intuito de descrever e analisar como os jornais concebem e regulam os espaços dos comentários de leitores, realizou-se entrevistas com editores gaúchos[8] de Gazeta do Sul, Diário Popular, Nacional e dos periódicos do Grupo RBS - Zero Hora, Pioneiro e Diário de Santa Maria. A partir de um roteiro básico de questões (Gil, 2006) foram feitas perguntas sobre as principais mudanças realizadas pelo

[6] Dos brasileiros Estadão, Folha de S. Paulo, O Globo, A Tarde, Estado de Minas, Gazeta do Povo, Diário Popular, Nacional, Gazeta do Sul, Zero Hora, Pioneiro, Diário de Santa Maria e dos portugueses Diário de Notícias, Público e Jornal de Notícias.

[7] Sabe-se que todos os *media* possuem singularidades – uma história, uma identidade e um modo particular de lidar com seus protocolos interacionais ao longo do tempo, portanto aqui serão retirados fragmentos desses termos que não serão analisados em profundidade e nem comparativamente, visto que busca-se identificar algumas regularidades nos seus modos de enunciação (Verón, 2004). Todos os dados relativos aos sites e páginas dos jornais no FB foram coletados no mês de dezembro de 2015.

[8] Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido que detalhava os objetivos da pesquisa, que os dados seriam usados para elaboração de artigos e os contatos da pesquisadora responsável pelo projeto caso fosse necessário fazer mais algum tipo de esclarecimento.

jornal nos últimos anos em relação à participação dos leitores; sobre as semelhanças, diferenças e características específicas dos espaços para comentários no site e no perfil no FB; sobre regulação, normas e acesso a esses ambientes.

Foram realizadas, ainda, entrevistas com leitores/comentadores com intuito de ouvi-los em relação ao conceito que formulam acerca da abertura dos jornais para escuta de opiniões de outros enunciadores e por que ali se enunciam. Os contatos foram feitos por meio do FB, a partir de pré-observações de perfis de comentadores (Pioneiro, Diário Popular, Diário de Santa Maria e Nacional, Diário de Notícias e Público). As entrevistas foram realizadas por inbox (em 2015 e em 2016) e teve-se retornos bem distintos: alguns respondiam apenas a primeira questão, outros deram retorno para todas as perguntas e alguns deram abertura suficiente para serem feitas perguntas que não estavam previstas num pequeno roteiro. As questões versavam sobre a frequência com que comentava alguma página do jornal; se costumava ver as notícias diretamente no site do jornal, pelo *feed* de notícias ou na fanpage do periódico; que tipo de notícias mais chamava a atenção; os motivos que os levava a comentar alguma notícia; como avaliava sua interação com o jornal.

No artigo, discute-se alguns conceitos acerca do funcionamento do sistema midiático, da participação de leitores no processo de enunciação dos jornais, bem como problematiza-se o processo de midiatização e a circulação discursiva. Por meio de análise das regras e normas de regulação propostas pelos jornais, identificam-se marcas discursivas que apontem para a concepção e o funcionamento desses espaços. Busca-se tensionar a reflexão teórica com os dados empíricos para que seja possível fazer um paralelo entre proposições de investigadores e as práticas discursivas dos sujeitos e mídias nesses ambientes.

Dessa forma, a questão central é uma problemática de circulação, visto que o processo de midiatização da sociedade coloca em contato no espaço dos comentários tanto enunciações da instância midiática quanto aquelas que são produzidas pelos sujeitos que ali se inscrevem. Nessa processualidade, constitui-se, portanto, um outro locus singular de produção de sentidos, em que os discursos produzidos remetem à construção coletiva e cidadania, a embates e divergências de opiniões e também a superficialidades e fragmentações dos ditos.